

Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Autobiografia afetiva de uma geração

O multipremiado jornalista, escritor, poeta, palestrante, influenciador digital, cronista e comentarista de rádio e TV Fabrício Carpinejar acaba de lançar seu 57º livro, *No meu tempo, eu era melhor* (Bertrand Brasil, 496 pág, R$ 62,90). O livro é um romance de crônicas, o almanaque do comportamento dos anos 1970 e 1980, um resgate detalhado, carinhoso e emocionante de hábitos extintos e substituídos pela tecnologia.

Com prefácio do nonagenário Ignácio de Loyola Brandão, o livro traz 178 *flashes* do cotidiano que compõem uma autobiografia afetiva de uma geração. A geração sanduíche, aquela que foi a última a nascer analógica e a primeira a abraçar a era digital e aquela que cuida, ao mesmo tempo, dos pais e dos filhos. Muita gente queria ter nascido naqueles 1970-80, quando o rock era jovem.

Carpinejar escreve principalmente para os que tem mais de quarenta, para os que viviam em casas onde havia intimidade, brincavam na rua e namoravam no portão. Botijões de gás vestidos, capas de LPs, roupas no varal, ponta de caneta Bic rebobinando fita K7 , galocha preta cobrindo o sapato, tênis Conga, desfile em semana da pátria, isso tudo fazia parte de um mundo que existe na memória, onde as coisas acontecem muitas vezes.

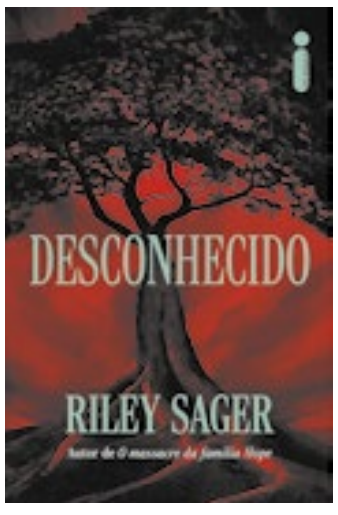
Carpinejar escreveu vários *best-sellers*, já vendeu mais de um milhão de livros, ganhou mais de vinte prêmios literários (incluindo dois Jabutis) e tornou-se uma das vozes mais queridas do Brasil, registrando as pequenas grandes coisas do cotidiano das pessoas.

Ele fala de infância, juventude, família, irmãos, mãe, pai, vovôs, tempos de escola, amigos, trabalho, casamento, luto, espiritualidade e outras essências e aí, lendo seus textos, vamos nos reencontrando conosco e com os outros, tornando-nos todos Carpinejar nos escaninhos mágicos da memória, que de vez em quando até a inventamos, para ver de outra forma o passado e vislumbrar diferente o futuro.

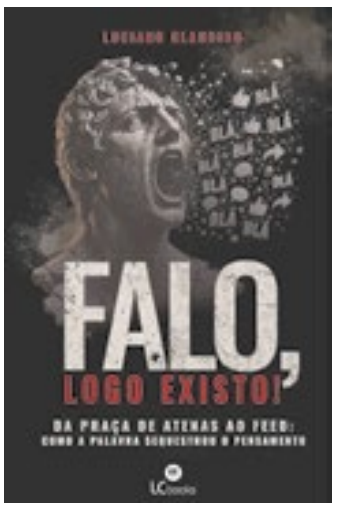


"O tempo é só um ponto de vista dos relógios", escreveu Mario Quintana, imortal na alma e na boca do povo. Nos anos 1970-80 os relógios eram mais elegantes e calmos e os ponteiros costuravam as horas com menos pressa, não é, Carpinejar?

Lançamentos



› **Desconhecido** (Editora Intrínseca, 384 pág, R$ 69,90), de Riley Sager, autor de nove *best-sellers* do New York Times, consagrado autor do renomado livro *O massacre da família Hope*, traz uma história de muito suspense e cheia de *plot twists*, com base em uma história de 1926, na qual cinco mulheres desapareceram misteriosamente numa ilha remota. Cem anos depois, os espíritos decidem reescrever o acontecido...



› **Falo, logo existo!** (LC Books Editora, 208 pág), de Luciano Claudino, consultor de investimentos e estrategista político, mostra como, desde a praça de Atenas ao *feed*, a palavra sequestrou o pensamento, o formato venceu o conteúdo, o confiante derrotou o competente e todo mundo acha que está pensando quando está apenas reagindo. Qual foi a última vez que você mudou de ideia numa discussão?



› **Renascimento** (Cinco Gatas, 122 pág), de Mônica Becker Dahlem, jornalista, publicitária e escritora, mostra que sempre dá tempo para escrever uma nova história. São contos escritos com sensibilidade, coragem e sem pudor sobre família,relacionamentos, ambientes e acontecimentos que a autora resolveu registrar. A apresentação elogiosa é assinada do advogado e escritor Eduardo Battaglia Krause.

e palavras...

GRAMADO E CANELA NOS TEMPOS DO BOA-NOITE

Nasci na serrana, gloriosa e eternamente florescente Bento Gonçalves, um dos diamantes da Serra Gaúcha. Aos doze anos, em 1966, vim com a família para Porto Alegre, morar no coração hebraico da metrópole, na rua Felipe Camarão, ao lado do DROR, entidade israelita. Me tornei o *gut-goi*, conhecido e respeitado pela comunidade dos patrícios e fora dela. Shalom!

Lá pelos inícios dos anos 1970 tive a alegria de conhecer Nova Petrópolis, Canela, Gramado e adjacências, que eram como irmãs de Bento. Europa sem passaporte, pinheiros, jardins e hortênsias maravilhosos, carros estacionados com vidros abertos nas noites seguras, portas e janelas das casas apenas encostadas, nada de guardadores de carros, estacionamento pago, mendigos, trombadinhas e entregadores de convites para venda de quotas de *time sharing*, apartamentos, planos de viagem, almoços, jantares e outros negócios maravilhosos e duvidosos.

À noite, no centro de Gramado e Canela, o silêncio, a chuva, o luar, a neblina e a segurança dominavam a cena, descansando as cidades para o movimento compassado e civilizado do dia seguinte. Turismo *slow*, *timing* tranquilo para comer galeto, churrasco, salsicha *bock*, *apfelstrudel*, café colonial e sair flanando pelas ruas do centro, ainda não abarrotadas de prédios de vários andares. O especulador é sempre mais rápido que o legislador. Isso é mais velho que andar a pé.

Quando eu tinha uns vinte anos, lá por 1974, resolvi passar uma semana sozinho em Gramado, em silêncio. Na chegada fui no hotelzinho simples no topo de uma colina perto do pórtico. Fui ligar o rádio-relógio, 110v. A tomada era 220v. Queimou. Nada de música, sons lindos de bandinhas alemãs e notícias, que na época não eram tão tenebrosas como agora. Coloquei a máquina de escrever sobre uma mesinha. Naquela semana até ela ficou quiteta.

Caminhava sem destino ou pressa, ficava horas e horas no Parque Knorr, lembrava minha Bento Gonçalves e me sentia sereno e tranquilo numa cidade que parecia funcionar tão bem quanto um relógio-cuco. Tudo em ordem, todo mundo bem vestido, alimentado, turistas com olhos de criança, restaurantes, bares e hotéis com preços razoáveis e o tempo parecendo dançar ao ritmo de valsa vienense.

Esses tempos passei cinco dias sozinho em Bento Gonçalves, sem agenda, relógio, patrão ou roteiros. Único compromisso descompromissado era encontrar o Ademir Bacca, amigo do tempo que o Padre Mânica era jovem. Sem horário, normas ou protocolos.

Nessas últimas cinco décadas tenho ido bastante a Gramado, Bento e Canela. Indo lá acredito no Brasil que dá certo. Procuro fugir dos engarrafamentos, das superlotações e dos problemas "urbanos" das grandes cidades. Melhor ficar a um ou dois quilômetros do centro e aproveitar a natureza, a calma e pensar que está nos anos 1970, tempo do Boa Noite.

A propósito

Para quem não sabe ou não lembra, o Boa Noite é a espiral verde que solta fumaça para espantar mosquitos e pernilongos. Por vezes espanta o consumidor, se estiver em ambiente fechado e não ventilado. Não espanta o penislongo, que é o inseto que engravida. O Boa Noite tem 78 anos, é uma instituição do verão gaúcho e, na embalagem antiga, tinha um velho careca mordido por insetos, dando chineladas neles e, embaixo, uma imagem com o mesmo careca dormindo como um bebê nos braços do Morfeu, deus dos sonhos, filho de Hipnos e neto de Nix. **(Jaime Cimenti)**